



VI Colóquio Internacional
“A educação pelas imagens e suas geografias”

Campinas, 08 a 10 de novembro de 2021.

A REGIÃO SUL NOS LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA: A RECORRÊNCIA DAS IMAGENS E A CONSTRUÇÃO GEOGRÁFICO-SIMBÓLICA DA IDENTIDADE SULINA

Vanessa Cristina de Sousa

Universidade do Estado de Santa Catarina

vanessacristinageografia@gmail.com

Ana Paula Nunes Chaves

Universidade do Estado de Santa Catarina

ana.chaves@udesc.br

Resumo

O presente texto faz parte da dissertação de mestrado intitulada *A região Sul nos livros didáticos de geografia: a recorrência das imagens e a construção geográfico-simbólica da identidade sulina*, e propõe analisar as imagens e os textos nos livros didáticos de Geografia no que tange à região Sul do Brasil. Para tanto, analisamos cinco livros, da 4ª série ginásial e do atual 7º ano do Ensino Fundamental, de 1955 a 2018. Propomos um exercício analítico a partir da recorrência de determinados elementos e da representação da população sulina. Utilizamos como metodologia os três aspectos do visual pensados pela geógrafa Verónica Hollman, ou seja, o suporte físico, o entorno linguístico e a composição. Partimos do pressuposto que nosso olhar é construído por regimes de visibilidade relacionados ao momento em que vivemos. Articulamos as análises com a noção de espaço da geógrafa Doreen Massey, que o entende como produto de inter-relações, de múltiplas trajetórias que coexistem. Os resultados desta pesquisa apontam uma ênfase nas imagens sobre a imigração italiana e a vitivinicultura, do gaúcho dos Pampas como sinônimo da identidade sulina e uma homogeneidade temática na paisagem natural, marcada pela Mata de Araucária, Cataratas do Iguazu e Hidrelétrica de Itaipu.

Palavras Chave: Cultura visual; Livros didáticos de Geografia; Imagens didáticas; Região Sul.

Introdução

Nos últimos anos são crescentes os estudos sobre as contribuições pedagógicas que a linguagem visual pode proporcionar às aulas de geografia. Na perspectiva de problematizar o visual e pensar acerca dessa linguagem na educação, desenvolvemos a pesquisa de mestrado *A região Sul nos livros didáticos de geografia: a recorrência das imagens e a construção geográfico-simbólica da identidade sulina*.

A pesquisa trabalha a linguagem visual como protagonista a partir do conteúdo da região Sul do Brasil nos livros didáticos da disciplina de geografia. Partimos do pressuposto que a análise do visual não está restrita somente à imagem, pois incorpora as três dimensões do



VI Colóquio Internacional
“A educação pelas imagens e suas geografias”

Campinas, 08 a 10 de novembro de 2021.

contexto dos registros visuais proposta pela geógrafa argentina Verónica Hollman (2014a): suporte, entorno linguístico e composição. Hollman enfatiza que nosso modo de olhar é construído através de regimes de visibilidade relacionados à sociedade na qual vivemos, sendo que nosso próprio modo de olhar para as imagens deve ser colocado em pauta.

O suporte é o local no qual se encontram as imagens. Esse local pode ser o livro didático, uma revista, um site, o jornal, as redes sociais, os muros da cidade, um museu. Dizemos que há diferenças entre folhear imagens em uma revista à espera de uma consulta médica e observar obras de arte em um museu. Ou mesmo segurar uma imagem na mão, possibilitando o toque e a proximidade do olhar, ou vê-las passando uma a uma numa apresentação de slides. Muda o olhar, muda o tempo que nos dispomos a observá-las, muda a relação que temos com a imagem.

Hollman (2014a) esclarece que o livro didático na escola é concebido como legítimo portador do conhecimento científico, o que confere um caráter de confiabilidade às suas imagens. Porém, como discorre em outro texto, “os livros escolares não apresentam a realidade, mas regimes visuais do real” (2014b, p. 223). Logo, as imagens encontradas nos livros representam uma parte, um lado, um ângulo do real.

O entorno linguístico, segunda dimensão do visual proposta pela autora, são os textos que acompanham as imagens: o título, a legenda, os textos que circundam as imagens. Quando alteramos o entorno linguístico modificamos também o que a imagem comunica e os sentidos que atribuímos a ela. Por meio da composição fazemos uma intervenção nos arquivos de imagens, transformando um arquivo de imagem em outro (HOLLMAN, 2020), visto que a composição é a rede de conexão, vínculo, ligação, construída pelo conjunto de imagens, o que denota que as imagens falam em relação com outras imagens.

A partir desse referencial teórico brevemente anunciado, analisamos como a região Sul aparece nos livros didáticos de Geografia através das imagens e dos textos, e como estes atuam na formação de imaginários geográficos. Partimos de algumas perguntas: Como as imagens atuam na construção da nossa visão sobre a região Sul? E como as imagens da região Sul nos livros didáticos de Geografia, a partir da segunda metade do século XX, foram formando um discurso visual do conhecimento geográfico escolar?

O corpus da pesquisa são cinco livros didáticos: Geografia regional do Brasil, de autoria de Moisés Gicovate (1955); Geografia do Brasil – as regiões geográficas do professor Aroldo de Azevedo (1961); Geografia – Criatividade, de Rodrigo Meireles (1974); Geografia Nova – as paisagens brasileiras, de Igor Moreira (1990) e Vontade de Saber Geografia -7º ano, de Neiva Camargo Torrezani (2018). Para as análises, buscamos olhar para os fenômenos que se processam na região Sul como realidades culturais, quais são as imagens recorrentes e como as obras trazem as identidades culturais da região, quais manifestam-se em primeiro plano, em segundo plano, ou ainda fenômenos e identidades que não ganham visibilidade.

Composições que dizem sobre a região Sul: regimes visuais e identidades

Com base na seleção das imagens e textos sobre a região Sul presentes nos livros didáticos, elaboramos composições imagéticas a partir de duas categorias de análise pré-definidas: Imagens Recorrentes e Construção geográfico-simbólica da identidade sulina. Para realizar essa seleção, buscamos semelhanças, diferenças e pensamentos que se formam quando

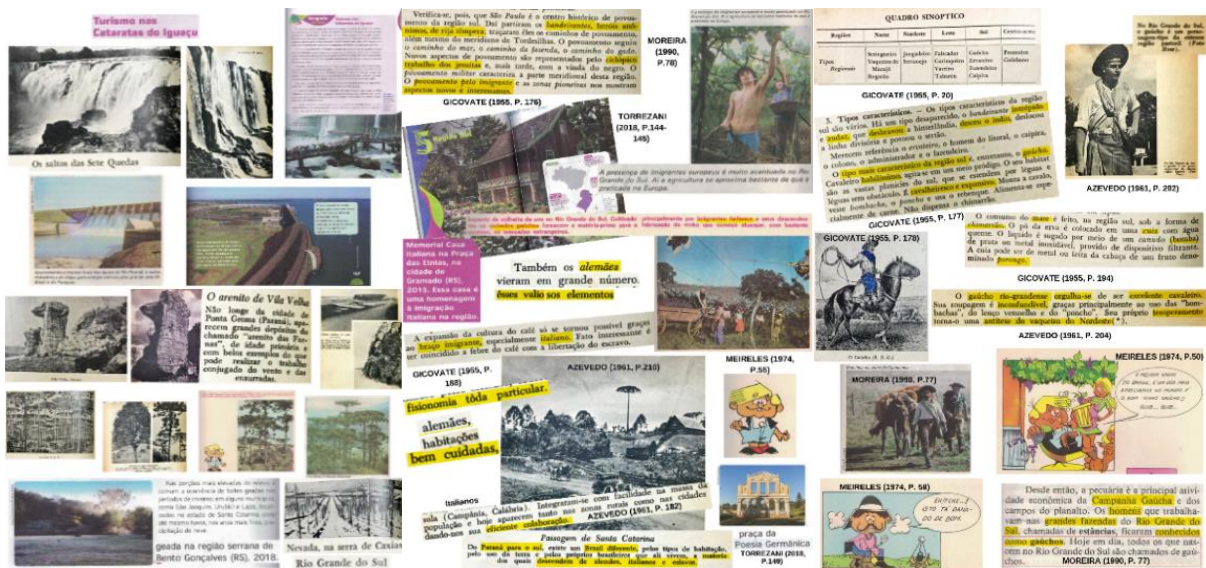


VI Colóquio Internacional
 “A educação pelas imagens e suas geografias”

Campinas, 08 a 10 de novembro de 2021.

colocamos as imagens de cada livro lado a lado, e olhamos para elas, montamos, remontamos composições para fazer com que elas digam a partir dessa relação de uma imagem com a outra. Assim, geramos a Composição 1 com a recorrência das imagens e as Composições 2 e 3 acerca da construção geográfico-simbólica da identidade sulina.

Figura 1 - Composições 1, 2 e 3



Fonte: Elaborado pelas autoras (2021) a partir das imagens dos livros didáticos pesquisados.

Analisando as imagens referentes à natureza, registradas na Composição 1 (Figura 1), é possível perceber algumas recorrências. A cidade de Foz do Iguaçu aparece em todas as obras, exceto em Meireles (1974). Pelo menos um ponto turístico da cidade é representado em cada obra, e em algumas obras dois pontos, como a Hidrelétrica de Itaipu, as Cataratas do Iguaçu e as Setes Quedas.

Nesse conjunto de imagens que exprimem aspectos da natureza (Composição 1), o relevo, o clima e a hidrografia estão relacionados ao turismo. O clima e a neve, ou a geadada na serra gaúcha, encontram-se lado a lado nas obras de 1955 e 2018. Nessas imagens é notável um predomínio de belezas naturais do estado do Paraná e, em segundo lugar, do Rio Grande do Sul. Santa Catarina não aparece nas fotografias relacionadas à natureza nos cinco livros pesquisados.

Em relação à vegetação, identificamos apenas a representação da Mata de Araucária, conhecida como um ícone da paisagem da região Sul. A questão é por que só aparece a Araucária? E as outras formações vegetais da região?

Oliveira Jr. (2019, p.8) pode nos dar algumas pistas analíticas quando analisa os cartões postais veiculados do Rio de Janeiro, com a imagem do Cristo Redentor. Para o autor, o turismo elege alguns lugares da cidade para mostrar e sinaliza que podem se tornar “um comum extremamente recortado”. A partir deste artigo, estabelecemos conexões com a nossa pesquisa e conseguimos perceber que essas imagens turísticas também estão presentes no livro didático.



VI Colóquio Internacional
“A educação pelas imagens e suas geografias”

Campinas, 08 a 10 de novembro de 2021.

No que concerne à construção da identidade sulina na Composição 2, foi possível perceber uma ênfase na imigração italiana em todas elas. Os italianos aparecem associados a vitivinicultura nas imagens didáticas da região Sul. A composição expressa uma imaginação geográfica da região: italianos, uvas e vinhos, essa é a primeira imagem formada em nossa mente ao olharmos centenas de vezes para algumas imagens que compõem a pesquisa. Será que os alunos formarão essa mesma memória visual da região Sul?

Outro ponto que salta aos olhos são os adjetivos e expressões empregadas para se referir aos imigrantes italianos e alemães: “habitações bem cuidadas”, “elementos valiosos”, “eficiente colaboração”, “braço imigrante”, “graças aos imigrantes”, “a tenacidade dos imigrantes”. É inegável a participação do imigrante na formação da sociedade brasileira e sua contribuição no Brasil e na região Sul. No entanto, essas imagens e discursos mostram somente um lado da região e uma parcela dos imigrantes que a compõem. Outros grupos de imigrantes são invisibilizados, assim como os grupos indígenas que também vivem na região.

Podemos ver que, quando os livros conferem essa adjetivação positiva aos imigrantes, estão calcados em apenas um modelo de desenvolvimento único, conforme Massey (2012; 2017) problematiza. Como esclarece a autora, não se trata de negar que exista progresso, mas o que essa maneira singular de imaginar o espaço acarreta. Levando a imaginações de que os países, as culturas, vão adotar um modelo de desenvolvimento sempre “atrás dos que planejaram a fila.” (2012, p. 127). A geógrafa conclui que essa forma de olhar para os outros países e suas culturas por meio de parâmetros de avanço ou atraso impede que sejam reconhecidas histórias alternativas. Nessa linha, o sucesso dos imigrantes italianos e alemães retratados nas imagens didáticas seriam modelos a seguir e as outras histórias, o fora dessa linha, estaria à margem dessa imaginação.

Na Composição 3, nota-se que os pampas configuram o espaço símbolo da identidade gaúcha. Esse gaúcho apresenta características peculiares fortemente marcadas pelo emprego de adjetivos para marcar seus traços de caráter, assim como a nobreza de sentimentos. O meio físico (telurismo) é explicado como determinante da identidade. Enquanto os livros mais antigos generalizam a figura do gaúcho, Moreira (1990) deixa claro na imagem e no seu entorno linguístico que os gaúchos são os habitantes da zona da Campanha, mas que o termo foi difundido para todos os habitantes do Rio Grande do Sul. E, apesar do livro didático mais atual analisado nessa pesquisa não se referir ao gaúcho como nas outras obras, a maioria das imagens de cidades que aparecem no capítulo sobre a região são do Rio Grande do Sul. Das 15 imagens de cidades identificadas, nove são do Rio Grande do Sul, cinco do Paraná e uma de Santa Catarina.

Do conjunto de imagens investigadas na Composição 3, refletimos com Rossato e Souza (2013) e Haesbaert (1997), quando sinalizam que essa forma de representar as identidades regionais tomam as culturas como algo estagnado no tempo. Para Haesbaert (1997), os territórios hoje funcionam predominantemente como territórios-rede, pois como resultado da Globalização há vários fluxos externos a suas fronteiras. Nesse sentido, as regiões também introduzem redes externas ao seu espaço e as identidades territoriais são consideradas no plural e afetadas por várias outras.

A partir das três composições de imagens analisadas, concluímos que apenas um fragmento da região Sul é mostrado nos livros didáticos, pois é possível observar uma



VI Colóquio Internacional
“A educação pelas imagens e suas geografias”

Campinas, 08 a 10 de novembro de 2021.

homogeneidade temática nas imagens. A identidade da região Sul confunde-se com a identidade do Rio Grande do Sul, da mesma forma que nesse estado, a identidade do gaúcho como aquele originário dos Pampas, foi difundida para todo o estado. Essas representações identitárias estão tão sedimentadas no imaginário geográfico que as imagens que o deram forma foram apagadas. Assim, almejamos abrir possibilidades com as imagens em um mundo cada vez mais influenciado por elas, constituindo uma cultura visual que não concebe essa linguagem apenas como ilustração, mas como produtora de significados.

Referências

HAESBAERT, Rogério. **Des-territorialização e identidade**: a rede “gaúcha” no Nordeste. Rio de Janeiro, Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 1997.

HOLLMAN, Verónica. Los contextos de las imágenes: un itinerario metodológico para la indagación de lo visual. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 36, p. 61-83, jul./dez. 2014a.

HOLLMAN, Verónica. Regimes visuais da questão ambiental nos livros didáticos de geografia na argentina. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 4, n. 8, p. 221-240, jul./dez. 2014b.

HOLLMAN, Verónica. Entre imposibilidades y deseos: la fotografía, un dispositivo para apprehender e imaginar lo espacial. **Punto Sur**, v. 2, p. 48-63, 2020.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

MASSEY, Doreen. A mente geográfica. **GEOgraphia**, Niterói, Universidade Federal Fluminense, v. 19, n. 40, p. 36-40, maio/ago. 2017.

MEIRELES, Rodrigo. **Geografia**: criatividade. 6ª série. São Paulo: Editora do Brasil, 1974.

MOREIRA, Igor. **Geografia Nova**: as paisagens brasileiras. Volume 2. 21. ed. São Paulo: Ática, 1990.

OLIVEIRA JÚNIOR, Wenceslao Machado de. Fotografias, Geografias e Escola. **Signos Geográficos**, Goiânia, v.1, p. 8-15, 2019.

ROSSATO, Luciana; SOUZA, Milene Chagas de. Passado e identidade veiculado na imprensa: “Os construtores de SC” e o ensino de História (fevereiro de 1987). **Em Tempo de Histórias**, Brasília, n. 23, ago./dez. 2013.